

A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 27 DE JANEIRO DE 1856.

N. 8.

PARTE LITTERARIA.

OS DOMINGOS E OS CAIXEIROS.

I.

Ha duas questões altamente administrativas e profundamente religiosas, em que se tem fallado perfunctoriamente, mas que ainda não se estudaram, que ainda não se avaliaram, e de cujo fundo philosophico ainda ninguem se compenetrrou.

E com tudo são estas duas questões sociaes e moraes de muito e significativo alcance para um povo catholico, e para um paiz essencialmente commercial. A' guarda dos domingos se tem respondido com um erguer de hombros e sacudir de cabeça dos espiritos fortes: ás regalias economicas e moraes da classe caixeiral se responde com um rizo de mofa, ou com uma barofada de mão humor, como seria a resposta do senhor despeitado, a quem o escravo pretendesse mostrar que tambem era filho de Deos, e que se era *cousa* perante os homens era *alma* perante Deos.

De que provirá esta errada apreciação de um dever religioso; e o menoscabo de uma classe, da qual será um dia o colossal commercio do paiz?

A cobiça sordida do aventureiro, que vinha especular na colonia, matou o dever religioso; e esta fatal herança tem sido transmittida e guardada até hoje, depois da transfiguração da colonia em imperio, depois da organização do commercio, em vez da acção rutineira de especulações assignadas.

O melhoramento dos costumes publicos, a acção da civilização e illustração, ora postica, ora real, que vai transformando a sociedade, o dever, o direito e a justiça exigem que a religião seja mais acatada e venerada; porque a solida e verdadeira civilização dimanou do christianismo, como a mais augusta e sublime das religiões, e a nossa reforma social e moral deve dimanar do catholicismo, como da religião perfeita por excellencia.

E' pois sob o ponto de vista social e economico, religioso e moral, que vamos aventurar algumas considerações sobre a guarda dos dias sanctificados, como preceito religioso, e da conveniente educação da classe caixeiral, como um dos elementos

poderosos do commercio actual, e como seus futuros representantes na proxima geração de dez annos.

A guarda dos domingos importa um dever religioso e um preceito de economia politica. Deos mandou guardar o dia septimo; e este mandamento é de lei divina. O corpo social é como o corpo humano, aquelle deve ter uma vigilia de seis dias e o repousar de um dia, que é o septimo: porque as forças devem refazer-se no repouso, o trabalho deve fortificar-se no descanso previo.

Antes de proseguir, cumpre que definamos os factos com justiça e lealdade.

A indole do povo é essencialmente religiosa, porque ostenta-se n'essas festas e procissões, meias profanas, com bastante religiosidade, que é o noviciado da religião. E note-se que não consideramos synonymos a religião e a religiosidade: aquella é a virtude, esta é a qualidade: nós temos a qualidade; mas ninguem ousará dizer que legitimamente temos a virtude: temos o habito, mas não o monge, e o habito não faz o monge.

Temos as procissões vaidosas, os habitos anachronicos da carolice, as festas sumptosas, mas não ha caridade evangelica, não ha virtudes domesticas, não ha o perdão das injurias, nem a moderação na sêde de ouro, nem a justeza de contas: é porque os homens contentaram-se com a religiosidade, e prescindiram da religião, abraçam o effeito e desprezam a causa.

Tome o nosso veneravel prelado, como lhe compete, a iniciativa d'esta reforma publica; cerque esta missão de todo o poder canonico, obrigue os seus sacerdotes a que prestem no tribunal da penitencia mais cuidado a esta transgressão de um preceito divino; e elle terá começado uma salutar reforma.

Cuide a camara municipal para que a sua postura a este respeito não seja uma verdadeira impostura, mande-a executar, como manda executar as do fisco, em que é monetariamente interessada e empenhada: predisponha a particular solicitude dos seus empregados para particularmente vigiarem a execução d'esta lei; e terão secundado os esforços do illustrado prelado,

Preste o governo todo o apoio moral á execução d'este preceito politico, municipal, e dever canonico-religioso: mande auctorizar-o nas provincias; e terá rematado, terá coroado uma das mais urgentes reformas sociaes, que reclama a religião, e a moral publica.

Mas supponhamos aceita pelo prelado, pela municipalidade e pelo governo esta indicação de reforma publica, como regular-se economica, moral e policiaalmente milhares de caixeiros, soltos de suas obrigações moraes, entregues ao verdor e á inexperiencia de suas idades?

N'esta objecção cifram-se, cremos nós, todas as objecções contra o descanso, a que tem direito os moços caixeiros no dia sanctificado.

Como arredar da embriaguez, da devassidão, do abismo dos vicios e dos crimes esses milhares de escravos, apenas contidos e disciplinados pelo rigor do trabalho?

São estas as duas questões economico-sociaes, que buscaremos resolver em dois subsequentes artigos. Fugiremos das declamações, não respeitaremos a rotina e as costumeiras sem base: buscaremos consiliar as theorias com as realidades practicas: acceitaremos uma discussão grave e sensata, desprezaremos as truanices, se é que assumptos de tanta gravidade podem provocar o ridiculo.

A these dos nossos artigos dará em ultimo corolario uma reforma salutar a favor da classe dos caixeiros. Não é para os lisongear que isto escrevemos; vamos tratar de uma reforma social, que hade reflectir a sua acção sobre elles, e não a reforma de uma classe reflectindo na sociedade. Superior á intelligencia de muitos será o que vamos escrever, mas escrevemos por elles e não para elles. A questão matriz é a guarda de um preceito divino, o primeiro corolario d'esta these será o descanso do dia sanctificado para os caixeiros, e para os escravos.

A Biblia, o livro sancto por excellencia, dispoem o seguinte:

« Lembra-te de sanctificar o dia sabbado (para nós christãos o domingo.)

« Trabalharás seis dias; e farás n'elles tudo que tens para fazer.

« O septimo dia, porém, é o dia do descanso, consagrado ao Senhor teu Deos. Não farás n'esse dia trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua besta,

nem o peregrino que vive de tuas portas a dentro (scilicet o caixeiro.)

Eis aqui o nosso ponto de partida para proseguirmos no immediato artigo.

PARTE POLITICA.

PROGRAMMA POLITICO.

Os excessos dos partidos, tanto na região das idéas, como na realidade dos factos, o scepticismo politico que tem encarnado nas diferentes doutrinas d'esses mesmos partidos, tem consideravelmente embaraçado a marcha progressiva do paiz. Ha trinta e trez annos, que o *fiat lux* da nossa independencia foi soltado nas margens do Ypiranga, e repercutido desde o Prata até ao Amazonas, desde o oceano até ao Uruguay. Com os immensos recursos que possuímos, sem ter de sustentar uma guerra de independencia, como os Estados-Unidos, com as collossaes proporções de engrandecimento, que nos assegura o nosso solo, e a nossa posição geographica o que havemos feito? Os diferentes partidos tem-se succedido na administração do paiz; e perguntamos ainda o que tem elles feito? Quando na opposição alardeavam planos, os mais brilhantes e seductores, promettiam remir o paiz, segundo a sua alchimia politica; mas, quando o poder lhes cahia nas mãos, dava-se o exclusivismo das pessoas e das idéas, traçavam uma linha de conducta aos seus proprios correligionarios, fóra da qual não havia salvação; abysmavam-se no lodçal torpe e repugnante das intrigas eleitoraes; e concluiam pelas palavras fatidicas de Mahomet — *crê ou morre*.

O rapido esboço, que traçámos, é a feição característica da nossa historia de administrações politicas. Se como Christo disse aos que queriam apedrejar a adúltera, dissermos aos dois principaes lados contendores: — « mettei a mão na consciencia e atirae a pedra » — acreditamos que ninguem ousará chamar *racca* a seu irmão.

Depois de tamanhas luctas appareceu o programma do gabinete actual. O pensamento de reforma, que elle incerra, será uma subtilidade politica, ou será a consciencia de uma necessidade publica?

Eis aqui o que o tempo ainda não mostrou sufficientemente; ainda não está liquido se a *conciliação* das idéas politicas é uma *modificação* pessoal, ou se é o complemento de uma reforma intelligente e circumspecta, reclamada de todos os angulos do imperio.

Vae chegar a epocha, em que a situação do gabinete actual não poderá ser mais ambigua, hade positivamente diffinir-se, e individualisar os passos de sua marcha governamental.

Permitta-se-nos que nos aproximemos da situação do gabinete, e que o consideremos em relação á questão da eleição provincial por círculos.

O *Jornal do Commercio* durante a semana aventou uma questão politica que na actualidade nos parece do maior momento. é a seguinte:

« Devem-se fazer as eleições provinciaes no Rio de Janeiro pelo processo da lei novissima dos círculos, ou pelas formulas da lei condemnada na sessão legislativa do anno passado? »

Sem nos fazermos cargo de questionar com argumentos de uniformidade de processos em todas as provincias, por quanto se algumas provincias da união brasileira tem feito ou estão fazendo as respectivas eleições provinciaes pelo processo condemnado pela lei nova, não se segue que, adoptando o governo um arbitrio geral, desapareça a possibilidade de poder o mesmo governo desfazer as eleições feitas, e ordenar novas em conformidade com o que hoje é lei do imperio.

Vamos por tanto ao ponto principal, que nos inspirou o presente artigo.

Não é possível deixar de acquiescer á argumentação do *Jornal do Commercio*, quando trata de convencer o paiz de que a eleição provincial deve ser feita em conformidade com a lei novissima.

Todo o paiz clamava pela annullação da legislação eleitoral: desde muito se reconhecia que o pensamento do povo não era traduzido na tribuna nacional, e que consequentemente estava falsado o systema representativo.

Desde que entrára nas convicções de todos que, a vontade da nação era o objecto menos consultado nas urnas, e que estas erão obrigadas a mentir triumphos, a descrença entrou a lavrar por todos os pontos do imperio, e os logares do parlamento foram reputados outros tantos despachos de gabinete, que chegavam aos mais felizes ou aos mais audazes.

Estatistas temos, que entenderam e entendem ainda hoje, que não se deve corromper o espirito publico nem desvirtuar a excellencia do regimen representativo, comprando as consciencias e viciando as formulas.

Sempre pensamos que nenhum inconveniente ha para o estado em que a urna receba o voto livre da nação, e assim se determine o rumo da nau do estado.

Não é, porém, assim que tem pensado muita gente: e, ou seja porque com o contrario acreditam bem servir os interesses nacionaes, ou porque com o contrario bem sirvam os proprios seus intimos interesses: o caso é que por longos annos o povo bradou inutilmente contra as for-

mulas que tornavam da constituição uma mentira dispendiosa, da liberdade um sonho, dos direitos do cidadão uma chimera, e do voto LIVRE uma irrisão e um escarneo.

O caso é que alguns homens eminentes entendem não ser possível governo algum sem uma maioria alcançada com o sacrificio do futuro do paiz.

O governo attendeu a essa necessidade publica. A sessão do anno passado attendeu em parte ao clamor de tantos annos. Decretou-se a eleição por círculos e algumas incompatibilidades. E' n'estas circumstancias que o *Jornal do Commercio* apresentou a proposição que assim levamos exposta.

Sim: respondemos nós, o *Jornal do Commercio* tem razão: é uma incongruencia que a eleição provincial seja feita em 1856 pelos preceitos que foram condemnados por mãos em 1855.

Não reforçaremos a argumentação cerrada e precisa do *Jornal do Commercio* a tal respeito.

E' para nós objecto liquidissimo que as eleições provinciaes devem ter logar mediante as ultimas determinações legislativas.

Fazendo, porém, abstracção de todos os argumentos apresentados pelos escriptos habilmente lançados do *Jornal*, soccorrer-nos-hemos de um sómente; porque d'elle havemos de mister para um corollario immediato d'essa doutrina, e que mui vivamente affecta o presente e o futuro.

Eis o principio:

« Não é possível que, por aquelles meios que o paiz condemnou, como improprios, como altamente compromettedores, como immoraes, como perniciosos para levar á tribuna nacional os órgãos do povo, que por esses meios sejam escolhidos os representantes provinciaes. »

Que força moral podem ter os deputados provinciaes na alta missão de curar dos interesses do povo, se elles são feitos por esses meios reprovados pela opinião, e emfim reprovados pela acção legislativa com a sancção imperial?

Por certo: se é da experiencia, se é da opinião, se é do apoio dos poderes do estado que se deriva a força dos representantes da provincia; como se poderão sacramentar os actos legislativos provinciaes com essa força, que lhe é indispensavel como condição de vida?

Que valor tem uma lei alcançada de mandatarios, que não exprimem a opinião do paiz, ou o que ainda é peor, sejam os ultimos representantes de uma lei, que a opinião condemnou, e que os poderes do estado destruíram?

A bula das circumstancias não aproveita aqui.

As razões de conveniencia não podem aqui ser recebidas. Este é um ponto positivo de politica que não supporta tergiversações e rodeios.

Dar-se o arbitrio de fazer leis para não serem cumpridas, traz como menor dos inconvenientes a perda de tempo e da fortuna publica, no entanto que acarreta a terrivel consequencia da instabilidade das leis. A instabilidade das leis é um dos maiores flagellos com que a mão de Deos póde punir um povo enervado.

Tudo por tanto conspira para produzir a convicção profunda de que as legislaturas provinciaes devem ser organisadas pelos preceitos da lei ultimamente votada.

Muito bem.

Depois d'esta conclusão legitima de principios, que não podem ser contestados; depois d'esta conclusão aceita pela razão, e conveniencia publica: ahi nos salta uma consequencia importantissima, e que affecta no ponto mais elevado o futuro da patria, a grandeza do imperio e o credito dos politicos que condemnaram a eleitoral legislação antiga, e a substituíram pela que hoje é lei do paiz

Para essa consequencia importante chamamos a attenção da imprensa, o bom censo dos pensadores e o patriotismo dos que governam.

A consequencia immediata e legitima dos principios estabelecidos e geralmente aceitos é a — DISSOLUÇÃO DA CAMARA. —

Dissolva-se pois a camara dos deputados.

Tal será o assumpto que buscaremos desenvolver no immediato numero.

PARTE JURIDICA.

APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS.

Circumstancias, que se torna desnecessario apontar, deram lugar a que uma mesma questão de fóro mercantil fosse pelas autoridades competentes solvida de maneira diversa, apesar de ser da mesma natureza, essencia e origem. Era bem natural que algumas duvidas sobre este ponto d'ahi partissem, o que effectivamente aconteceu; e occasionaram-se as seguintes perguntas:

Para interromper-se a prescrição por meio do protesto declarado no § 3.º art. 453 do Código Commercial, será mister offerecer em juizo os documentos comprovativos da divida, ? Poder-se-hia tomar o protexto sem exhibição d'aquelles documentos e proceder-se depois á respectiva notificação pessoal ou por edital?

Creemos que nenhuma necessidade ha de apresentar-se n'essa occasião os documentos, de que se trata; por quanto o facto de interromper-se a

prescrição não suppõem obrigação restricta de provar a divida em juizo. Entretanto, tendo lugar um caso d'esta especie entre nós, ao passo que um dos juizes defirio ao protesto sem exigir a apresentação d'esses documentos, outro entendeu não dever prescindir d'elles.

Parece que a logica do primeiro magistrado consiste em prevenir que o credor, prevalecendo-se no futuro do processo, venha allegar o extravio da obrigação do devedor (a qual póde deixar de existir, ou mesmo nunca ter existido) argumentando por este modo com a presumpção do debito derivada do protesto e sua intimação não reclamada pelo mesmo devedor.

A primeira vista talvez parecesse coherente o procedimento do juiz, quando exigiu a junção das obrigações escriptas, contas de livros, etc.; porém estudada a materia mais accuradamente, somos levados a nos declararmos em manifesta opposição contra semelhante modo de proceder, cujo fim tende simplesmente a engrossar processos; e obrigar o credor a inuteis despesas (que podéra ter-se evitado sem a mais ligeira quebra da praxe forense), guardando-se a exhibição dos documentos no offerecimento da acção!

Por tanto concordamos com o juiz, que defiriu ao protesto sem exigir a junção das citadas obrigações; por quanto se o credor figurado não tiver obrigação escripta nem conta extrahida dos livros do tempo do protesto, não poderá prevalecer-se do simples acto d'esse protesto e sua notificação, sem que provadas sejam suas duvidas pelos meios prescriptos ou apontados na lei; podendo o devedor reclamar contra esses protestos em todo o tempo que o figurado credor se vier a prevalecer d'elles, art. 392 do Regulamento do citado Código.

Desejamos que estas considerações não sejam desprezadas pelos nossos juizes, tendo em vista o principio consignado no referido Código Commercial Art. 22 Cap. 2.º Tit. unico, mesmo para que se alliviem as partes de despesas, delongas e trabalhos improficuos.

C. H. de F.

PARTE NOTICIOSA.

BIBLIOGRAPHIA ELEMENTAR.

A falta de obras elementares, convenientemente dispostas e redigidas, segundo a intelligencia debil da mocidade, tem-se tornado um grave embaraço

ao desenvolvimento e progresso da instrução popular, propriamente dita.

Uma associação de professores, convenientemente organizada; é quem podia satisfazer esta grande lacuna. O fim d'essa associação seria não só crear, ou rehabilitar a classe profissional, prestando-se mutuo auxilio pecuniario e moral, mas ainda a confecção e escolha de compendios apropriados, elaborados e julgados por pessoas competentes, tanto na theoria, como na pratica.

Emquanto por este ou por qualquer outro meio não se obtem bons compendios, é de indispensavel necessidade irmo-nos arrastando com os que ha; mas ainda assim urge que d'entre esses optemos os mais convenientes, os mais remediaveis.

Temos á vista uma collecção de compendios, que não temos duvida em recomendar á attenção dos professores, e dos directores de collegios.

O *Curso de estudos elementares*, ou collecção de pequenos tratados, contendo as mais uteis nocções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos humanos, é uma obra digna de ser adoptada, por que as nocções da leitura, da arithmetica, da algebra, da geographia, da historia sagrada, da historia da idade média, da historia antiga, da historia moderna, da historia da America, da astronomia, da geometria, da mythologia, e de outros assumptos de conhecimentos geraes elementares, foram habilmente resumidos pelo Sr. Camilo Trinocq.

E' nossa opinião que cada estudante devia possuir esta collecção; cujas nocções se não são completas, quanto era a desejar, contém em si os germens do uma boa instrução.

O *Manual Encyclopedico* do Sr. Emilio Achille Monteverde, que acaba de chegar de Portugal, em sexta edição, revista e augmentada, acha-se por si recommendada. E' a obra elementar mais accetida que possuímos.

Acham-se estas obras á venda na casa do Sr. Garnier, rua do Ouvidor 69.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

No principio da finda semana publicou-se o primeiro numero de um periodico litterario intitulado a *Abelha*. Contém um artigo sobre a exposição dos productos da nova industria, outro sobre a insalubridade e policia sanitaria das fabricas e officinas consideradas em geral; e traduzidos traz os seguintes artigos: o Pantheon de Londres, a resistencia dos tubos de Gutta Percha, revevificação do carvão animal, estrume precioso, mais uma demonstração da rotação da terra, e a lenda do cholera. O programma em que se annuncia aos leitores é o seguinte:

« A *Abelha* almeja um cantinho, em que se possa averbar no grande livro do progresso da ultima metade do seculo dezenove.

Tentando trabalhar em favor do desenvolvimento d'esta bella terra do Brasil, e conhecendo o valor da imprensa e a importancia do jornalismo, não desconhece tambem que hade ser aquilatada pelo que valem essas duas potencias civilisadoras.

E' essa a razão, porque deixando de as endeo-

sar, não se apregoa por pomposas declamações e retumbantes phrazes.

Pequenina hoje, podendo apenas sacudir suas debeis azas no pollen das flôres, que tem de converter em favos e mel, nutre esperanças de poder ainda um dia, apresentar em extenso panorama o fructo das locubrações d'esses cidadãos illustres, que teem a peito preparar para sua patria um futuro melhor.

A *Abelha* não passa portanto de uma tentativa, contendo em si o germen de grandes aspirações; e tendo de occupar-se principalmente da applicação das sciencias ao desenvolvimento da industria, agricultura e commercio, tratará tambem da sciencia pura e de litteratura.

Abre as suas paginas a todos os escriptos que estiverem na esfera de sua bandeira; e pede mesmo communicações tendentes a manifestar os meios de engrandecimento de qualquer localidade a que possa chegar. »

O THEATRO DE S. PEDRO.

O nosso primeiro theatro nacional da arte dramatica acaba de ser reduzido a cinzas. Pela terceira vez o fogo, como um dragão irado, traga esse templo da arte, e agora, por alguns annos a litteratura dramatica, que estava tão depreciada, e luctava com tantos e terriveis embarços, se debaterá em agonia.

Resignação e esperanza.

O Sr. João Caetano dos Sanctos, com este terrivel successo, vae luctar com multiplicados sacrificios: tem de ver-se arca a arca com o monstro das difficuldades e dos preconceitos: não esmoreça, porém, por que o seu genio é grande e o paiz grandissimo.

O ouro purifica-se no fogo, a virtude na adversidade, o genio nas contrariedades.

Não se deve cruzar os braços em frente a esse montão de ruinas ainda fumegantes.

A arte carece de uma casa, e ella se edificará. O como, e por que meios, será o assumpto de nossas immediatas reflexões, para as quaes desde já pedimos a attenção dos leitores.

O Sr. João Caetano, a primeira victima d'este sinistro, tem recebido os mais solemnes testemunhos de estima publica, e n'uma situação tão critica a generosidade publica se lhe tem manifestado. Eis aqui um documento, que folgamos poder transcrever.

« Successos ha para os quaes toda e qualquer consolação não passa de uma banalidade. N'esta ordem de acontecimentos enumeo a desgraça d'esta noite, que extinguiu pela terceira vez o theatro de S. Pedro d'Alcantara.

« Em face d'esta emergencia afflictiva, só tenho duas palavras a dizer ao artista brasileiro, como Presidente que sou do Cassino Dramatico, Sociedade locataria do theatro de S. Januario.

« Em nome da Directoria do Cassino offereço ao nosso primeiro artista dramatico o referido theatro afim de dar n'elle as representações, que julgar necessarias em seu favor e em favor da arte.

Da sinceridade d'esto offerecimento será juiz o

proprio Sr. João Caetano quando chegar a occasião de o pôr em prova.

Sou com distincta consideração e estima.

De V. S.

Illm. Sr. Commendador João Caetano dos Santos.
REMIGIO DE SENA PEREIRA.

Rio 26 de Janeiro de 1856.

REVISTA SEMANAL.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

CARTA I.

(Ao voar da penna.)

MEU CARO AMIGO. Vão enfim ser cumpridos os vossos votos, e satisfeita a minha promessa. A lora algum caso de força maior, ou algum accesso de febre preguiçosa, de que sou muito achacado, a NOSSA CORRESPONDENCIA FAMILIAR se transformará em uma carta hebdomadaria, escripta sempre *ao voar da penna*, porque a manhã de um sabbado não permite que se estude, e se reflecta o que se escreve á ultima hora.

A semana não nos offerece successo de grande vulto. A causa celebre Villa-Nova-do-Minho é osso já muito roído; e os mysterios do casamento, da lettra e do testamento estão quasi aposentados: já parece anachronismo fallar-se n'isso. Parece-me que este assumpto nunca será historico, e que para todo o sempre ficará em herança ao romance e ao drama, filhos da fortuna e creações mysteriosas, que costumam herdar estas coisas, e aproveitá-las, ou estraga-las, segundo as cabeças, em que moram os taes filhos da imaginação e do talento.

THEATRO LYRICO. Os bailes mascarados, que pretende dar, e talvez dê, a monstruosa barraca lyrica tem merecido as honras da discussão. A directoria, que conduz com sacrificios, e *por amor proprio* aquella velha não dos quintos, nutre o maior empenho de converter em templo da deosidade, aquelle templo das bagatellas.

A *Semana*, como matrona sizuda, receia pela segurança de seus leitores, indo-se expor áquella massa informe de tijolos. Houve libelo e contrariedade, replica e treplica, e quando se pediu o parecer da commissão de exame de sanidade, como documento para as razões finaes, os advogados da directoria metteram a viola no sacco, fe-xaram os seus praxistas e deixam correr o processo a revelia.

O caiporismo é agora o anjo tuletar d'aquella casa. As operas novas não tem feito impressão. O *Rigoletto*, que podia ser o salvaterio da directoria, morreo de apoplexia fulminante, foi trasladado de *utero ad tumulum*; puxaram o caixão o Dufrene e a Ghioni, Walter e o Bouché; e a Charton, a quem não valeram os cuidados e as lagrimas da ultima agonia levou a chave, como parenta proxima do defuncto. Os coros serviram de carpideiras, e a or-chestra de dobres mortuarios. O scenario, e o *mise en scene* era mesmo de uma casa de defuncto.

Seja-te, pois, leve a terra, ó filho querido de Verdi: bem fez teu pai em não vir assistir ao teu

passamento. Matou-te a directoria do barracão: antes de nasceres: tirou-te o baile, que era o teu primeiro passo, no teu segundo ragido cortou-te a aria ultima: morreste sem pés, e sem cabeça: é que a directoria, sem o seu fidus Achates está sem pés, nem cabeça.

Tivemos outra vez a *Norma* tosquiada e castrada; e o primeiro e o segundo acto da *Traviata*.

A respeito da *Norma* o dito dito, a respeito da *Traviata* não vale a pena fallar, por que vac ser aposentada, ainda sem a idade propria para a aposentadoria. E' realmente de um talento inimitavel, e incomprehensivel esta nossa directoria lyrica. Para estragar um repertorio não ha quem lhe ponha o pé adiante. Estragou o *Trovador*, que era a carne de vacca, estragou a *Anna Bolena*, que havia agradado, estragou a *Maria de Rohan*, estragou a *Sapho*, estraga a *Linda de Chimonix*, e tudo isto pelo caprixo de não reformar o contracto da Casaloni, que era uma artista predilecta do publico, e que faz uma falta sensivel n'estas operas.

Dizem-me, é verdade, que a directoria quer emendar, ou que já emendou este erro, reformando um contracto com o famoso contracto; mas como este negocio está ainda nas faxas da diplomacia de bastidor; e por isso manda a prudencia, que eu não seja imprudente, revelando-vos o que ha, antes de findar o contrato da Charton.

Vamos ter em breve a ressurreição do *Trovador*; e a piedosa mulher, que ha de assistir a esta ressurreição?... é a Agostini. Parece-me que esta cantora é o bode votivo nas aras triumphaes da Casaloni; e pôde ser que tambem seja o precursor da realisação do *recontrato*: a montanha berra, espere-mos pelo seu parto.

THEATRO DRAMATICO. Quem dissesse que com muita chuva se tinha sêcca, com muito sol se tinha frio, com muito dinheiro se tinha pobreza, com muita abundancia se tinha fome, diria por certo o maior dos absurdos; mas quem disser, que, com muitos theatros, não temos um theatro, dirá uma verdade evangelica. Todo o nosso pessoal artistico apenas daria para uma companhia regular; mas acha-se elle dividido em tres companhias, que poderão satisfazer os seus orgulhos pessoases, mas não satisfazer ao publico. Annuncia-se mais uma companhia dramatica para o theatro de S. Januario; é o refugio de dois artistias, aliás de merito, que sacrificam as conveniencias da arte aos assomos de seus genios. O Florindo foi convidado para fazer parte da companhia de que é empresario o nosso primeiro artista João Caetano, mas elle antes quer ser o primeiro n'uma aldeia, do que o segundo n'uma cidade.

Para uma conjunctura d'estas é que se carecia da influencia do Conservatorio Dramatico, se elle a tivesse. O ministro do imperio devia regenerar esta associação, a fim de por meio de sua iniciativa e accção litteraria se regenerar a arte dramatica.

Só o orgulho ou a mediocridade é que não reconhecerão as vantagens de fundir as tres companhias em uma só. Nós não temos ainda um publico sufficiente para sustentar tres theatros dramaticos, um francez e um lyrico. O que ha de succeder, é que ha de dar-se um antagonismo entre todos, e o pu-

blico é que ha de pagar o pato, porque a cholera dos beneficios hade tornar-se epidemica e chronica.

Não tardará muito que se discuta a subvenção aos theatros. E' ocioso dizer-lhe que sou de opinião que o lyrico não deve ter subvenção, e que deve ser pago pelos dellitantes e não pela nação.

Ao theatro de São Pedro sou de opinião que se deve augmentar o subsidio, mas com a condição de ser THEATRO NORMAL DA ARTE DRAMATICA com a obrigação de manter tres aulas, uma de recta pronuncia, outra de declamação e outra de gynastica e jogo de armas.

Visto que estou na maré das opiniões, seria mais minha opinião, que ninguem podesse organizar uma companhia dramatica, sem primeiramente o empresario exhibir o seu repertorio, e o pessoal do quadro artistico; e que os principaes actores deviam possuir desde já o attestado de um jury dramatico e artistico nomeado pelo ministro do imperio; e mais tarde um attestado de frequencia e aproveitamento no curso das tres aulas; d'esta prova devem ser dispensados os artistas que já estão approvados e applaudidos pelo publico.

A não se caminhar por esta verêda recta, a arte dramatica ha de ir vegetando abatida e enfezada, embora tenha um artista, que, communicando o fogo do seu genio a outros talentos, que por ahi ha, podesse apparecer uma pleiade de bons artistas.

O ministro do imperio deveria *in continenti* nomear uma inspecção litteraria de tres membros para cada um dos theatros, e d'elles receber mensalmente um relatorio circunstanciado.

Mas... o que estou eu ahi a dizer-vos: á voz que clamava no deserto ninguem respondia: a esta minha, que préga por sua conta e risco hão de dar uma gargalhada... e é bem feito para não me entrometer com a vida alheia.

Deixemos os theatros com as suas glorias, e com seus saldos, que não quero para mim, e voemos a penna para outro assumpto.

BIBLIOGRAPHIA. Remetto-vos a obra mais importante que se tem escripto sobre colonisação entre nós, e vos recomendo a leiaes e façaes triumphar as suas idéas nos muitos fazendeiros, com quem estaes relacionado por vossa clinica, e pelos vinculos de parentesco. E' a colonisação a nossa primeira urgencia administrativa, a nossa questão magna social, e o Dr. L. P. de Lacerda Werneck tratou-a com muita erudição, com muita consciencia, com muito tino administrativo. Todas as circumstancias, todos os incidentes, todas as necessidades da colonisação desde a ave que o colono tem de crear, e o pé de gramma que tem de plantar até á propriedade do terreno, desde a ultima relação do vizinho até ao culto livre da religião em que foi educado o colono, tudo abrangeo, com olhar de mestre o Dr. Lacerda Werneck. O governo deve de certo tomar em muita consideração este trabalho; e seria um justiça e uma conveniencia para a questão de colonisação que o Dr. Lacerda Werneck fosse encarregado de reduzir o seu importante trabalho a uma fórmula regulamentar.

Emprazo-vos para me dardes por escrito o vosso parecer a este respeito. Se eu pudesse dispor de tanto tempo como vós ahi n'essa povoação rural, perto do silencio das florestas e do murmurio das correntes, em face a esse quadro tristonho de uma escravidão sombria na cõr e na vida, de certo que estudaria o livro e escreveria sobre elle: conto que assim fareis.

Remetto-vos mais um Almanak da Bahia, que para mim e para a minha algibeira foi um almanak de peta. Vi no *Correio Mercantil*, folha que falla verdade como um jornal de opposição, que o dito Almanak era cousa nunca vista. « E' um ensaio dos mais filizes n'este genero (de peta) e cheio de grande numero de dados estatisticos e administrativos sobre aquella provincia. Além da utilidade intrinseca da obra, merece ella o acolhimento publico, por ser de uma empreza nacional que agora começa. Em vista d'isto cahi com os respectivos cobres, mas qual foi o meu pasmo quando dei com um livro magro, sem um dado estatistico, sem uma noticia interessante, e apenas com o catalogo dos alfaiates, sapateiros e mais misteres lá da Bahia. Ora acredite-se mais na letra redonda.

Remetto-vos as Memorias de Alexandre Dumas: são ao todo nove volumes, cheios de scenas e quadros interessantes, a que se liga a vida celebre do mais celebre romancista dos nosos dias. Recomendando-vos a sua leitura, que muito me interessou.

Remetto-vos finalmente uma primorosa lytographia, que acaba de publicar o nosso primeiro typographo Francisco de Paula Brito. E' o gabinete Paraná, antes da sua ultima modificação. O Imperador está no centro, muito parecido, em todos os traços physionomicos, posto que com algum frescor da mocidade.

Segue-se o presidente do conselho, e n'esse rosto expressivo e intelligente se reconhece o estadista de vontade forte e energica, que coroou a sua grande influencia politica e pessoal com a palavra magica da *consiliação*.

Segue-se o ministro do imperio com a sua physionomia complacente, que não descontenta a ninguem, porque a ninguem desengana.

Segue-se o ministro da justiça com o seu olhar á Taleyrand, manifestando vontade nas resoluções, tenacidade no trabalho, e com um gesto cortando todas as difficuldades.

Os Srs. Abaeté e Bellegarde que alli estão por antiguidade de data, e como existencias lythographicas e não ministeriaes, reconhecem-se á primeira vista.

O ministro dos estrangeiros, espirito geometrico e diplomatico na essencia, ahi se acha na mais perfeita semilhança.

O editor Paula Brito no pensamento, e os artistas Sisson e Therier, na execução artistica, tornam-se dignos de muito louvor, que muito folgo manifestar-lhe n'este lugar.

Por hoje basta. Ide ruminando as noticias que vos remetto, e as obras que vos offereço, em quanto vou dispor materiaes para a minha immediata remessa.

O AMIGO DA CORTE AO DA PROVINCIA.

VARIEDADE.

ALHOS E BOGALHOS.

Não estou hoje para preambulos por isso vou immediatamente certificar-o de que andamos todos ás mil maravilhas

Os banqueiros dão almoços
As moças vestem balões,
As velhas com os padre-nossos
Passam na Igreja os serões.

A policia anda em bolandas,
Pois até franjas se bifam !
Ha historias de Loandas
Que já não se vendem, rifam.

A' proposito do balão dir-vos-hei que o *Hail* não subio

Até onde as nuvens giram,
que é o mesmo que dizer não subio até onde
Vão meus suspiros parar.

mas em compensação andaram muitos balões pelas ruas da cidade; e os rapazes entenderam que o melhor divertimento é trazerem uns balõesinhos com que se divertem: sempre é melhor que o tal arranjo dos oratorios e da secatura de pedirem esmolas; e seguirem por muito tempo atraz de um pobre homem em demanda de um vintenzinho.

O que por agora tem mais impressionado a generosa população fluminense é a sanha com que alguns requintes da moralidade publica, algumas vestaes dos costumes se apresentam campeões de culpas, que ainda não estão provadas, e despejam insultos.

Ha gente para tudo, Fratello,

Até pr'a dar punhaladas
Nas costas do inimigo.

Na verdade é da ultima elegancia em cortezia e cavalheirismo.

Tem havido agora muita algazarra por causa do ajuste de contas dos dividendos, e as altas partes tratantes e contractantes resolveram terminar todas as diferenças, chamando—*apostas*—a todos os negocios equivocados

Não gostas
De apostas?
Pois não tens razão;

Que enganos
Mundanos
E apostas: que são?

Mas que ahi a policia não meta o bico, porque então

Hão de erguer-se os gigantes da finança
E assaltar os céos como os Titanes!
Não haverá mais eras de bonança
A' luz virão negocios de chans-chans.

Roulo no peso, faltas na balança
E das carnes vendidas quasi suas
Ha de dizer-se a coisa como foi
Ha de *apostar*-se como o boi é boi.

Deixemos isso, Fratello: são bulhas de quem mais agadanha, e hão de dar em agoa de barrella.
Vamos ao que serve.

O jornalismo diario tem tomado a peito a provincial, e já ião circulando boatos de que a sala de Nictheroy hade ser cheia por circulos.

Os politicos de polpa já vão procurando ver como se acharão os circulos menos curvos possiveis, e n'essa deligencia politico-geometrica, hade chegar-se a um resultado muito satisfatorio á arte de enganar os homens, como á politica chamou um charlatão da antiguidade.

Na verdade em politica o circulo mais precioso é um *quadrado* de todos os quatro costados.

Tambem póde fazer grande fortuna nas ascensões o sujeito mais *rombo* dentro de um circulo estreito.

Com effeito, a melhor invenção dos ultimos tempos das nossas coisas boas e bonitas tem-nos dado bem em que entender.

Desprezou-se a linha recta, que é o caminho mais curto, e fomos buscar o circulo que nos pódo traser sempre n'um corropio.

Só o que nos resta é pedir a Deos que o tal nosso circulo, não seja um *circulo vicioso*, porque n'este caso o voto livre continuará a ser a coisa mais escrava e parva d'este mundo.

Chegou ahi um poeta do Norte, que vem apresentar a S. M. I. um poema da — CARIDADE: —

Venha mais esse florão para a litteratura nacional.

O que parece quasi incrível, caro e bom Fratello, é que ainda haja quem cuide em escrever poemas.

De feito a anciedade publica continua a respeito da carestia de generos e quando ha fome nem ha gosto para escrever em verso, nem ha vontade para em prosa fazer cruces na boca.

Quem tem fome
Nem o nome
Sabe seu.

Fica tolo
Sem miolo,
Olha pr'o céu;

Porém quem tem a pansa bem fornida
Regala-se em prazer na lauta vida.

E' por isso que muito boa gente trata com todo o disvelo do seu estomago, que é a fonte das inspirações.

Quem cuidar que é na cabeça que reside a séde das inspirações, e que por isso báta na testa, perde todo seu tempo, embora róa todas as suas unhas.

Chamam-me para jantar
Cesse tudo o que a antiga musa canta.

Adeos, Fratello, até outra vez.

F.